

Reflexões sobre a doação da Fazenda do Pinhal para o Instituto Acaia¹

As terras da Fazenda do Pinhal pertencem à família Arruda Botelho desde 1785, quando as sesmarias do Pinhal, localizadas nos Campos de Araraquara, foram outorgadas a Carlos Bartholomeu de Arruda Botelho.

Aqui, na década de 1830, seu filho Carlos José comandou a abertura da Fazenda do Pinhal e a construção da casa e da senzala, instalando-se, onde antes eram florestas e campos, uma unidade produtiva, seguindo a realidade econômica e social que caracterizou o oeste paulista ao longo do século XIX.

A tradição familiar foi mantida por seu filho Antônio Carlos e sua esposa Anna Carolina, os futuros Conde e Condessa do Pinhal. A família tornou-se uma das mais prósperas do país, graças inicialmente à produção cafeeira, mas principalmente à perseverança e senso de oportunidade de Antônio Carlos que, com visão e iniciativa, empreendeu na construção de estradas de ferro ligando as regiões cafeeiras e fundou instituições financeiras.

Nesse período, na Fazenda do Pinhal e no Brasil, ocorria a transição entre o sistema escravista e a mão de obra imigrante. Um momento histórico muito importante e que ainda ressoa entre essas paredes e os campos à nossa volta.

Após a morte de Antônio Carlos, em 1901, o Pinhal permaneceu preservado graças ao apego que a família e em especial a Condessa nutriam pela fazenda. Quando a Condessa faleceu, em 1945, seus filhos e filhas herdaram conjuntamente a propriedade e o desejo expresso de Anna Carolina de que ela permanecesse dentro da família.

Os próximos trinta anos caracterizaram uma fase difícil, durante a qual as terras foram divididas e as edificações, compartilhadas pelos herdeiros, vivenciaram uma preservação precária.

¹ Este texto foi escrito pelos irmãos Bracher – Candido, Beatriz, Eduardo, Elisa e Carlinhos – para a cerimônia de assinatura da doação da Fazenda do Pinhal para o Instituto Acaia, no dia 31 de agosto de 2025. Na ocasião, os cinco dividiram a leitura do texto.

Na década de 1970, o casal Helena Vieitas e Modesto Carvalhosa comprou o núcleo de edificações da Fazenda do Pinhal e iniciou um processo de restauração e preservação. Adquirida por uma bisneta do Conde e da Condessa, o Pinhal permaneceu assim na família. Foi nesse período que a Fazenda do Pinhal passou a ser chamada de Casa do Pinhal, pois restavam apenas 18 alqueires ao redor da casa e não havia mais produção agrícola significativa associada ao núcleo das edificações.

Por iniciativa de Helena e Modesto, o núcleo histórico foi reconhecido como Patrimônio Histórico nacional. Eles começaram a recolher cartas e objetos relacionados à fazenda. Nos mais de trinta anos durante os quais foram os proprietários, o Pinhal era a casa onde a família se reunia para o agradável convívio durante as férias e finais de semana.

Visto como um monumento do passado, o Pinhal começou a receber visitantes. O foco de interesse das visitas guiadas era a casa sede e a família Arruda Botelho.

Também data dessa época a retomada da procissão de São Carlos Borromeu, desde a Capela da Casa Sede até a Catedral de São Carlos, que ocorre todos os anos no dia 04 de novembro, celebrando o percurso trilhado na cerimônia de fundação da cidade, em 1857.

Em 1999 a antiga fazenda transformou-se em uma pousada do roteiro de charme. Para o Pinhal, era um tempo de visitas, pernoites, grandes festas juninas e de abertura para acolher e se fazer conhecido.

Em 2009, uma nova transformação: Fernão Carlos Botelho Bracher e Sonia Maria Sawaya Botelho Bracher, ele bisneto de Antônio Carlos e Anna Carolina, compraram a fazenda do Pinhal. Mais uma vez o Pinhal mudava de mãos, mas não de família. Como um sinal dos tempos, tanto Fernão quanto Sonia eram, além de descendentes de fazendeiros do oeste paulista, também netos de imigrantes que vieram ao Brasil na virada do século. Novamente a casa passou por um amplo processo de restauro, coordenado por Maria Alice Milliet, prima em primeiro grau de Fernão. O arquiteto Carlos Sawaya Botelho Bracher, filho do casal, participou ativamente dos projetos e devemos a ele, entre outras coisas, a bela e educativa

sala da taipa, onde nossa família se reuniu tantas vezes para um cafezinho depois do almoço, conversando e apreciando o pomar murado da condessa.

A pousada foi fechada e a fazenda abandonou o papel de local de lazer familiar e assumiu de maneira mais consistente a identidade de Patrimônio Histórico. Para nós era claro que nossos pais, sempre atentos à preservação e à educação, desejavam que esse fosse um lugar de pesquisa e divulgação do conhecimento.

O casal recolheu materiais importantes e se manteve em contato com os familiares Arruda Botelho, dos quais recebeu doações importantes, de objetos e documentos. Criou-se um Centro de Estudos, um arquivo foi montado e uma equipe de pesquisadores foi constituída para melhor conhecer e contar a história para os visitantes.

O Pinhal também foi aos poucos retornando à sua condição original de fazenda: propriedades vizinhas foram adquiridas, a casa-sede foi reintegrada às suas terras e a cultura de café foi reintroduzida. Mesmo a flora nativa, paulatinamente suprimida desde os tempos de Carlos Bartholomeu, pela primeira vez começou a esboçar um retorno, com a plantação de duas extensas áreas de reflorestamento de árvores nativas.

Sonia faleceu em 2015. Durante os quatro anos seguintes, Fernão dedicou-se com a aplicação que lhe era característica a dois grandes projetos: a melhoria da educação pública no Brasil e a Fazenda do Pinhal.

Em 2019, quando ele se foi, coube a nós, seus filhos, darmos continuidade ao projeto. Não nos preocupamos muito em imaginar que caminhos ele gostaria que o projeto tomasse, pois temos a convicção de compartilhar o mesmo norte que sempre guiou nossos pais.

Em um primeiro momento, tomamos contato com o trabalho que havia sido realizado por Fernão, Sonia, Carlos e Maria Alice, e entendemos rapidamente que precisaríamos de auxílio profissional.

Convidamos a historiadora Lucília Santos Siqueira, professora da área de Patrimônio da Unifesp, para coordenar o que agora passou a se denominar CEPE -

Centro de Estudos, Pesquisa e Educação. Desde então, por um acordo de cooperação com a Universidade Federal, Lucília tem realizado com eficiência o trabalho de coordenar a equipe de educadores, aprofundar as principais linhas de pesquisa, estreitar o relacionamento com os grupos e descendentes daqueles que são parte da história do Pinhal e articular um diálogo constante com especialistas em história, patrimônio, arquitetura, arqueologia, artes e curadoria.

O historiador Paulo César Garcez Marins, do Museu Paulista-USP, elaborou o Plano Diretor para Gestão Patrimonial e propôs que o nome “Casa do Pinhal” retornasse para “Fazenda do Pinhal” pois, segundo ele:

“a nomenclatura da propriedade deveria recair sobre sua dimensão mais ampla e complexa, que abrange a totalidade do espaço rural, seus diferentes espaços, práticas sociais e econômicas, bem como os diferentes agentes a eles associados.”

Elisabete Szabo e Daniel Valdevite, junto com Lucília, passaram a tocar a fazenda desde 2022, administrando e implementando a transição para museu-fazenda.

Completando a equipe, convidamos o Instituto Pedra, presidido por Luiz Fernando de Almeida, para gerenciar as muitas frentes dessa renovação.

A professora Joana D’Arc de Oliveira, da FAU-USP, vem orientando uma extensa pesquisa sobre as famílias negras que viveram no Pinhal durante o século XX.

Os profissionais do CEPE aprofundaram suas pesquisas em inúmeras frentes, incluindo a história dos escravizados e dos imigrantes, aqueles que povoaram esse espaço com seu trabalho e suas vidas.

Foi assim tecida uma rede de histórias para além da família Arruda Botelho; conhecemos os descendentes de Felício, ex-escravizado que escreveu a famosa carta a um Arruda Botelho; conhecemos a vida e os descendentes de Leonor e João Zacarias, que vieram ao Pinhal no início do século XX e que são antepassados de Donizetti Aparecido da Silva que vive até hoje na Fazenda do Pinhal, perfazendo uma linhagem contínua de trabalhadores desta fazenda; conhecemos várias famílias de imigrantes que vieram trabalhar nos cafezais do Pinhal e cujos descendentes ainda guardam vínculos com a Fazenda: os Borri e Garcia, Blanco e

Pereira de Souza, Bonani, Smaniotto e Corinte. Pessoas com memórias, emoções e histórias que preenchem de vida o passado e o conectam com o presente.

As pesquisas também nos fizeram perceber a existência de um “passado apagado”, em que as lacunas são muito mais evidentes do que os achados. Essa busca levou ao convite para a Scientia Consultoria Científica, que realizou um trabalho primoroso de escavação em parte da antiga senzala, coordenado pelo arqueólogo Renato Kipnis. Um pouco da vida e da história daqueles que viveram na antiga senzala foi assim vislumbrado, através de vestígios de fogueiras que apontam para costumes e rituais e de milhares de fragmentos que contam uma história difícil e apenas parcialmente resgatada.

Nos últimos anos, tivemos muitas vezes o gosto de participar de visitas guiadas pelos educadores do CEPE: Ana Gabriela da Silva Santos, Bruna Cristina Bevilacqua, Hellen Aparecida Furlas, Jonas Araujo Fernandes, Maria Fernanda Alves Rangel, Maria Helena Gabriel e Nathalia Paganin Santos. Observamos como gradualmente a narrativa das visitas tem se aprofundado e amadurecido, fundamentada nas pesquisas que os próprios educadores conduzem. No mês passado, foi concluído um volumoso dossiê elaborado pelos educadores sob supervisão de Lucília, em que os principais aspectos da história da Fazenda do Pinhal são abordados em profundidade e embasados pelas pesquisas feitas pelo grupo. Não pudemos deixar de nos sentir muito orgulhosos com isso.

Hoje, ouvimos dos especialistas que nos visitam que a preservação e a continuidade do tempo que se vislumbra aqui, assim como o vínculo com a cidade e os trabalhos que estão sendo conduzidos, colocam a Fazenda Pinhal em uma situação única para preservar, interpretar e contar esse período da história do Brasil.

Resta a pergunta: por que doar?

Por que abrir mão agora desse patrimônio que está na família desde os anos de 1780?

Dizem que a primeira resposta vem do coração e é a mais verdadeira. Isso tende a ser verdade especialmente para perguntas difíceis, e a primeira resposta que nos vem é: porque o Pinhal já não nos pertence.

A Fazenda do Pinhal é hoje, de fato, um bem público. Ela não conta apenas a história de uma família, ainda que a história dessa família esteja na fazenda e sem ela seja impossível compreender o que estamos vendo. O Pinhal conta a história de centenas de famílias. E mais, conta a história do nosso povo, da nossa sociedade. Dessa sociedade múltipla e diversa, dos conflitos, da construção, daquilo que foi preservado e também da história apagada. É muito mais do que nós.

Anna Carolina, a condessa, queria que o Pinhal continuasse pelo maior tempo possível, e é exatamente esse o nosso objetivo. Por isso estamos hoje integrando a Fazenda do Pinhal como um núcleo do Instituto Acaia. Dentro do Acaia, esperamos, a Fazenda estará mais protegida de crises sucessórias. Sua integridade estará mais bem garantida e as decisões sobre a conservação, educação e pesquisa serão tomadas por um grupo de pessoas, com menor risco de intervenções personalistas.

Importa também dizer que, juntamente com a propriedade rural, estamos provendo uma dotação que deverá garantir a manutenção da Fazenda e de suas atividades pelo futuro.

Dito de uma maneira mais simples, ao doar o Pinhal nós esperamos estar protegendo a fazenda e garantindo sua permanência para as gentes do futuro.

Beatriz, Elisa, Eduardo, Carlos e Candido Botelho Bracher